

25 SET 1993 *Econ - Brasil* CORREIO BRAZILIENSE Novas esperanças

Com uma inflação já agora acima dos 30 por cento ao mês, o Brasil situa-se numa posição crítica em relação aos demais países de economia emergente e, no âmbito interno, suscita reações de desânimo e pessimismo. A realidade, contudo, não é tão perversa quanto parece, ainda que o inconsciente coletivo trabalhe com hipóteses depressivas e alguns agentes externos operem instrumentos para desacreditar o País perante os mercados internacionais.

Quase sempre se apontam o México, a Argentina, o Chile e a Venezuela como as nações latino-americanas de melhor desempenho econômico e portadoras de razoáveis padrões sociais. Esta é uma constatação sujeita a restrições e controvérsias, pois verdadeira apenas quanto a alguns aspectos, como, por exemplo, a estabilidade dos preços. A despeito de haver aberto espaços a uma parceria com os Estados Unidos e o Canadá para a formação de um mercado comum, previsto para ser o maior do mundo, o México exhibe indicadores econômicos bem abaixo do Brasil.

De fato, o fortíssimo aporte de recursos, sobretudo de investidores estrangeiros, concede à Bolsa de Valores de São Paulo a liderança no mercado de capitais latino-americanos, com movimentação de 200 milhões de dólares de média diária. A bolsa mexicana ocupa o segundo lugar. Também expressiva da pujança brasileira, malgrado os elevados índices de inflação e a desorganização do aparelho estatal, é o fato de que o Brasil é o único país em desenvolvimento no hemisfério sul a apresentar saldos na balança comercial. México, Argentina e Venezuela enfrentam déficits significativos em suas contas-correntes externas.

Na dimensão social, também o Brasil exhibe alguns indicadores surpreendentes em relação aos seus parceiros vistos com a maior indulgência pelos órgãos de ava-

liação internacional não institucionalizados. Por exemplo, a Argentina, sempre exaltada pelo êxito do plano Cavallo de dolarização da economia, ocupa lugar de destaque entre as nações com índices anormais de desemprego, no caso, da ordem de 16 por cento da força de trabalho. No Brasil, as taxas de desemprego rondam os oito por cento, algo considerado um dos efeitos mais drásticos da atual crise econômica.

As estatísticas sobre comércio exterior procedem do Fundo Monetário Internacional e aquelas outras relativas ao circuito dos investimentos em bolsas são oriundas de estudos comparativos realizados por agências oficiais do mercado. No relatório anual do FMI está previsto outro dado importante, o de que o Brasil será a única nação do Ocidente a crescer quatro por cento em 1994, contra uma expectativa de 3,5 por cento para toda a região.

É evidente que tais números são insuficientes para respaldar políticas de desenvolvimento aptas a produzir a universalização interna do enriquecimento, inclusive pela razão constrangedora de haver no País uma população de 32 milhões de pessoas colocadas fora do sistema econômico. Como também é certo que, enquanto não for possível domar a inflação, ou, pelo menos, reduzi-la em níveis menos dramáticos, não será viável fundar uma sociedade cujo sentido fraterno resulte da plena fruição dos direitos de cidadania — o direito à moradia, à educação, à saúde, ao trabalho e ao lazer.

Contudo, é indispensável considerar que a conjuntura não é tão desanimadora quanto proclamam os arautos do pessimismo. Os números da realidade internacional, sobretudo os relativos ao desempenho de nossos vizinhos, justificam a renovação das esperanças e exibem o Brasil com um perfil menos trágico.